



cidade  
da quem colabora, transforma.  
gente

20  
20



# Covid-19

Cenários para Curitiba





## Sumário Executivo

- O projeto Ação COVID-19 tem como objetivo mobilizar governo, empresas e organizações para que o melhor cenário de futuro para as populações vulneráveis de Curitiba se concretize.
- Para isso, foi realizada uma pesquisa para definir quais são as populações vulneráveis de Curitiba. Em seguida, foi desenhada uma metodologia para identificar as percepções dos moradores da cidade — especialmente dos vulneráveis — sobre os impactos da pandemia em diferentes aspectos.
- O indivíduo vulnerável é aquele que está mais suscetível a sofrer danos, dado que experimenta desvantagens em termos sociais e econômicos, impedindo que alcance níveis mais elevados de qualidade de vida devido ao desrespeito ou à relativização de seus direitos.
- Para garantir a utilidade dos cenários produzidos pelo projeto para a população vulnerável de Curitiba, dialogamos tanto com moradores dessas regiões quanto com líderes comunitários com atuação nessas localidades.
- A metodologia baseou-se na abordagem de métodos mistos, combinando: a) entrevistas em profundidade com pessoas em situação de vulnerabilidade e lideranças comunitárias; b) um *survey* online com a população de Curitiba e; c) grupos focais compostos por atores-chave para a vida comunitária da cidade, entre os quais jornalistas, políticos, lideranças comunitárias e empreendedores.
- Os resultados do *survey* realizado com a população apontam para a preponderância da questão econômica como principal preocupação da população de Curitiba.
- 70,8% dos entrevistados afirmaram que o desemprego ou falta de renda é o principal problema criado pela pandemia.
- Os resultados dos grupos focais revelam que a grande preocupação dos participantes se refere à população vulnerável, que estaria mais exposta às consequências negativas da crise. Os impactos seriam sentidos tanto em termos de chances de contaminação quanto em relação ao impacto socioeconômico provocado pelo vírus.
- Diversos participantes dos grupos focais relatam um sentimento de superação, solidariedade e ajuda mútua entre a população mais vulnerável da cidade. Ou seja, haveria um impacto positivo de aumento da solidariedade em Curitiba.
- Ao mesmo tempo em que há certo otimismo sobre a retomada da vida, os participantes dos grupos focais se preocupam com a acentuação das desigualdades trazidas pela pandemia. Eles identificam que a população mais pobre pode sair severamente prejudicada, com possibilidade de diminuição de salários e impactos na renda. Há a avaliação de que iniciativas governamentais são insuficientes para conter os graves problemas sociais e econômicos que atingirão a população vulnerável.

## Cenários

•



### Cenário Farinha pouca, meu pirão primeiro

“Farinha pouca, meu pirão primeiro” traz a ideia de pensar só em si e colocar-se em primeiro em situações adversas. A polarização e o desrespeito por parte da população de seguir as orientações de saúde levarão a um aumento no número de casos. Por consequência, a crise irá se prolongar, agravando o desemprego e a vulnerabilidade.



### Cenário Japona

Em Curitiba, japona é o nome dado a uma jaqueta quente que é utilizada nos dias mais frios do inverno. No cenário “japona”, os ganhos que teremos na cidade em relação à solidariedade e à cooperação serão pontuais e passageiros. Assim que a situação se estabilizar, a cidade voltará a uma espécie de normal e perderá tudo o que ganhou.



### Cenário Gralha-azul

A gralha-azul, ave símbolo do Paraná, é peça-chave na preservação das Araucárias. Ela pega os pinhões que caem das árvores e enterra próximo a troncos ou raízes de árvores em estado de putrefação. Muitas vezes, elas esquecem o local no qual enterraram os pinhões, e eles acabam germinando. Assim, novas árvores crescem, e a vida se renova. Esse processo é similar ao que acontecerá neste cenário. A população passará por um momento de grande dificuldade; porém, por meio da solidariedade e do engajamento de todos, conseguirá se reerguer de forma estruturada e rápida, evitando grandes prejuízos para todas as camadas, sobretudo, para as mais vulneráveis.

## Objetivos

- O projeto Ação COVID-19 tem como objetivo mobilizar governo, empresas e organizações para que o melhor cenário de futuro para as populações vulneráveis de Curitiba se concretize.

Para isso, foi realizada uma pesquisa para definir quais são as populações vulneráveis de Curitiba. Em seguida, foi desenhada uma metodologia para identificar as percepções dos moradores da cidade — especialmente dos vulneráveis — sobre os impactos da pandemia em diferentes aspectos.

O projeto faz parte do Cidade da Gente, iniciativa que une lideranças de diversos setores da cidade — comunitárias, sociais, empresariais e governamentais — para encontrar soluções para melhorar a confiança e a colaboração na cidade. Assim, fortalecemos a nossa cultura democrática ao mesmo tempo em que encontramos caminhos que sejam também relevantes para outras cidades do Brasil e do mundo.



## Metodologia



### Quem é a população vulnerável?

A ideia de vulnerabilidade social parte da constatação de que a categoria “pobreza” é insuficiente para descrever as situações de mal-estar social às quais diversas populações estão sujeitas. A questão é que a qualidade de vida e o bem-estar dos cidadãos estão atrelados a outros fatores além da renda, passando por pontos como disponibilidade de serviços públicos ou respeito às liberdades individuais e políticas (COSTA et al., 2018; JANCZURA, 2012). Assim, o indivíduo vulnerável é aquele que está mais suscetível a sofrer danos, dado que experimenta desvantagens em termos sociais e econômicos, pois o desrespeito, ou a relativização, de seus direitos impedem que alcance níveis mais elevados de qualidade de vida (CARMO; GUIZARDI, 2018). A situação de vulnerabilidade não implica que os cidadãos enquadrados nela necessariamente irão experimentar perdas em sua qualidade de vida a depender dos riscos que enfrentarem, mas que há maior chance de que isso aconteça.

Considerando as diferentes acepções de vulnerabilidade social, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) propôs a criação do Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) para as capitais brasileiras (COSTA et al., 2018), que se constitui em uma ferramenta sólida para encontrar os indivíduos em tal situação. A métrica é composta por três dimensões: infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho. A utilização do IVS na cidade de Curitiba se mostrou uma ferramenta adequada para identificar os grupos socialmente vulneráveis durante a pandemia da COVID-19. A nota do IVS varia em uma escala de 0 a 1, sendo 0 o menor índice de vulnerabilidade e 1 o nível máximo.

A partir dos dados do IVS, foi possível identificar as regiões mais vulneráveis socialmente na cidade. Após este procedimento, selecionamos as que tiveram uma nota acima de 0,3, denotando pelo menos média vulnerabilidade social, para obter informações detalhadas a partir do Censo e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), ambas pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com esses dados, conseguimos fazer a caracterização de tais regiões, possibilitando entender o que elas têm em comum e quais grupos de cidadãos parecem estar em situação de maior vulnerabilidade em Curitiba.

Dadas as particularidades da pandemia da COVID-19, foram selecionadas variáveis que permitem visualizar mais diretamente as situações de vulnerabilidade relacionadas a esse contexto. Entre elas, destacam-se, por exemplo, a quantidade de idosos em uma região, a densidade domiciliar, as taxas de ocupação formal por parte da população e outras características demográficas tradicionalmente relevantes para pesquisas sociais, como gênero e etnia.

Para caracterizar as regiões de acordo com a vulnerabilidade delas em relação à pandemia, foram aplicados testes estatísticos, evidenciando, assim, diferenças regionais de acordo com as variáveis considera-

das. Embora as 46 regiões de Curitiba com maior vulnerabilidade apresentem características semelhantes, foram selecionadas 15 regiões da cidade como prioritárias devido a seu maior nível de vulnerabilidade social, listadas no Quadro 1. A população residente nestas áreas representa 33,5% de todos os moradores de Curitiba (IBGE, 2010), correspondendo a 587.345 moradores (IPPUC, 2015).

### Quadro 1 – Lista das 15 regiões mais vulneráveis de Curitiba

Regiões mais vulneráveis de Curitiba		
1. Vila das Torres	6. Boqueirão	11. Pilarzinho: Nori
2. Augusta	7. CIC	12. Alto Boqueirão
3. Tatuquara	8. Cachoeira	13. Santa Quitéria: Nossa Senhora da Paz
4. Umbará	9. Ganchinho	14. Caximba
5. Guaíra	10. Campo Comprido	15. Cajuru

Fonte: Elaboração própria

## Estratégias de pesquisa

Para garantir a utilidade dos cenários produzidos pelo projeto para a população vulnerável de Curitiba, dialogamos tanto com moradores das regiões afetadas quanto com líderes comunitários com atuação nessas localidades. Assim, a estratégia metodológica baseou-se na abordagem de métodos mistos, combinando: a) entrevistas em profundidade com pessoas em situação de vulnerabilidade e lideranças comunitárias; b) um *survey* online com a população de Curitiba e; c) grupos focais compostos por atores-chave para a vida comunitária da cidade, entre os quais jornalistas, políticos, lideranças comunitárias e empreendedores. As fases da pesquisa são apresentadas abaixo:

- a.** Entrevistas em profundidade: essa fase consistiu em entrevistas semiestruturadas, realizadas por telefone, com uma amostra aleatória de líderes comunitários e moradores de regiões socialmente vulneráveis na cidade. No total, foram ouvidas 11 pessoas de diferentes locais, idades, gênero, etnia e níveis de escolaridade. A partir das respostas dos entrevistados, o *survey* online, a ser aplicado na fase seguinte, foi construído.
- b.** *Survey* online: o objetivo desta etapa foi coletar impressões da população de Curitiba sobre o contexto atual e perspectivas futuras quanto ao contexto de pandemia, por meio da aplicação de um questionário online (*survey*). Com o *survey*, buscou-se entender o sentimento das pessoas com relação ao momento atual, assim como o que elas esperam no futuro pós-pandemia. A pesquisa, que foi respondida por 523 moradores de Curitiba, possibilitou a coleta de dados relevantes para a discussão sobre as consequências da pandemia na cidade.

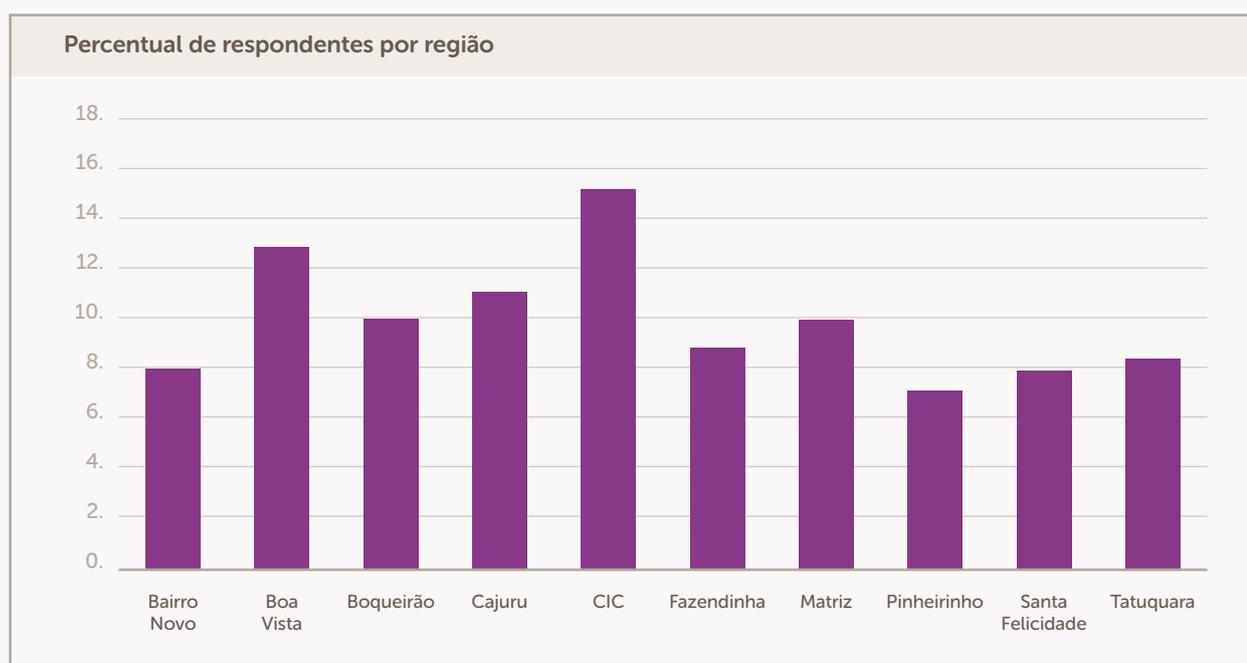
c. Grupos focais online e construção de cenários: esta etapa reuniu, em ambiente online, 20 atores-chave de Curitiba, entre jornalistas, políticos, lideranças comunitárias e empreendedores, para a construção de cenários de futuro possíveis para a cidade no pós-pandemia. O grupo focal é uma discussão planejada em grupos pequenos que possibilita a interação entre as pessoas e a obtenção de informações sobre suas preferências e valores (CARDANO, 2017). Além dos possíveis cenários pós-pandemia para a população vulnerável, os participantes também discutiram estratégias para alcançar os cenários mais positivos e para evitar que os mais negativos se tornassem realidade. A abordagem de construção de cenários permite a descrição de futuros possíveis para uma certa questão. O desenho de cenários é, geralmente, utilizado quando o problema é complexo e apresenta grandes possibilidades de mudanças e complicações ao longo do tempo (SLOCUM, 2003), sendo adequado ao contexto da pandemia de COVID-19.

A construção dos cenários viabilizou a elaboração deste relatório, no qual são apresentados os cenários para a sociedade e gestores públicos, procurando engajá-los para fazer as melhores opções se tornarem realidade. Além disso, os cenários foram disseminados a partir de uma estratégia de comunicação dedicada, de forma a transformá-los em pauta nos principais veículos de comunicação locais. Mais informações sobre a metodologia podem ser encontradas no artigo dos pesquisadores do Sivis, Silva e Mont'Alverne (2020), publicado na revista *Survey Research Methods*.

## Resultados do questionário online (survey)

Para chegar ao resultado dos cenários, o Instituto Sivis conduziu um *survey* online respondido por pessoas de todas as regiões de Curitiba, com objetivo de entender o que as pessoas estão sentindo e o que elas esperam no futuro pós-pandemia. A pesquisa contou com 523 participantes e revelou as principais preocupações e prognósticos feitos pela população. A distribuição de respondentes por região é apresentada no Gráfico 1:

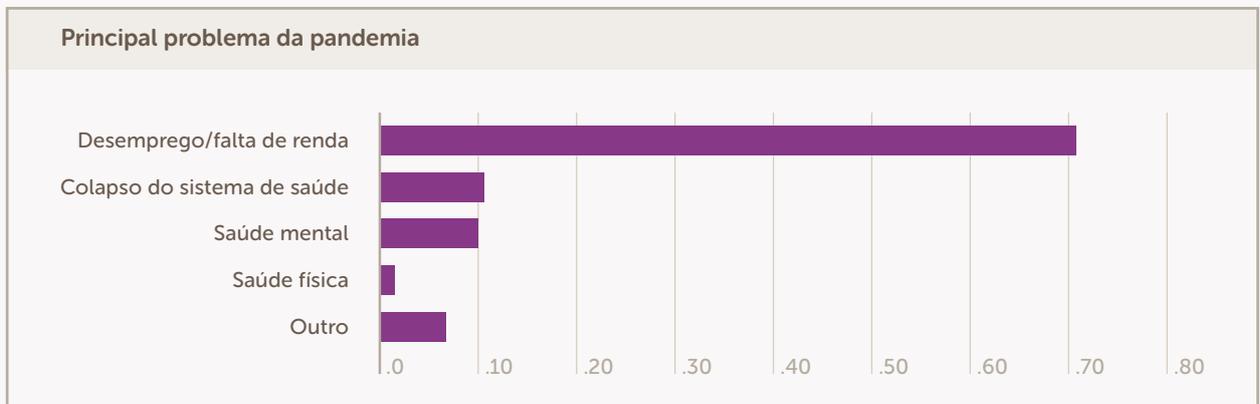
Gráfico 1: Percentual de respondentes por região



Fonte: Elaboração própria

De modo geral, os resultados indicam a relevância da questão econômica para a população de Curitiba. Uma das perguntas pedia para os moradores identificarem o principal problema decorrente da pandemia. 70,8% dos entrevistados afirmaram que o desemprego ou falta de renda é a principal adversidade, enquanto 10,6% afirmaram ser o colapso do sistema de saúde, 10,2% apontaram a saúde mental e 1,5% mencionou a saúde física. Os dados indicam que, mesmo se tratando de uma questão de saúde pública, os curitibanos estavam mais aflitos — e, possivelmente, foram mais afetados — com o cenário econômico.

Gráfico 2: Principal problema da pandemia

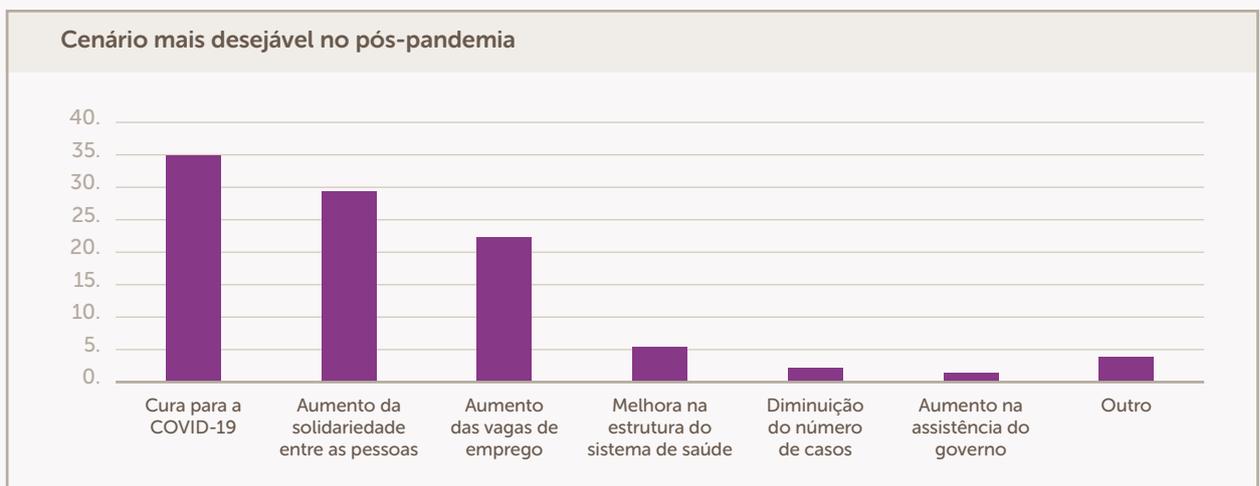


Fonte: Elaboração própria

A fim de construir os cenários, a pesquisa buscou compreender o que os cidadãos mais desejam para o futuro pós-pandemia. Para isso, eles foram convidados a escolher o cenário que gostariam de ver materializado no futuro. A cura para a COVID-19 aparece como o cenário desejável mais frequente, com 34,9% das escolhas. A diminuição do número de casos e o consequente fim do isolamento social aparece em seguida, com 29,5%. Tomados em conjunto, os resultados indicam o desejo da população de que a pandemia seja controlada para que possam voltar a suas atividades sociais e econômicas cotidianas.

A preocupação com o desemprego também é um destaque nos resultados da pesquisa, pois 22,3% dos curitibanos afirmaram que o cenário mais desejável para eles seria o aumento na quantidade das vagas de emprego. Além disso, 5,6% preferiram a melhoria na estrutura do sistema de saúde, 2,3% mencionaram o aumento da solidariedade entre as pessoas e 1,5% apontaram o aumento na assistência do governo como cenário predileto.

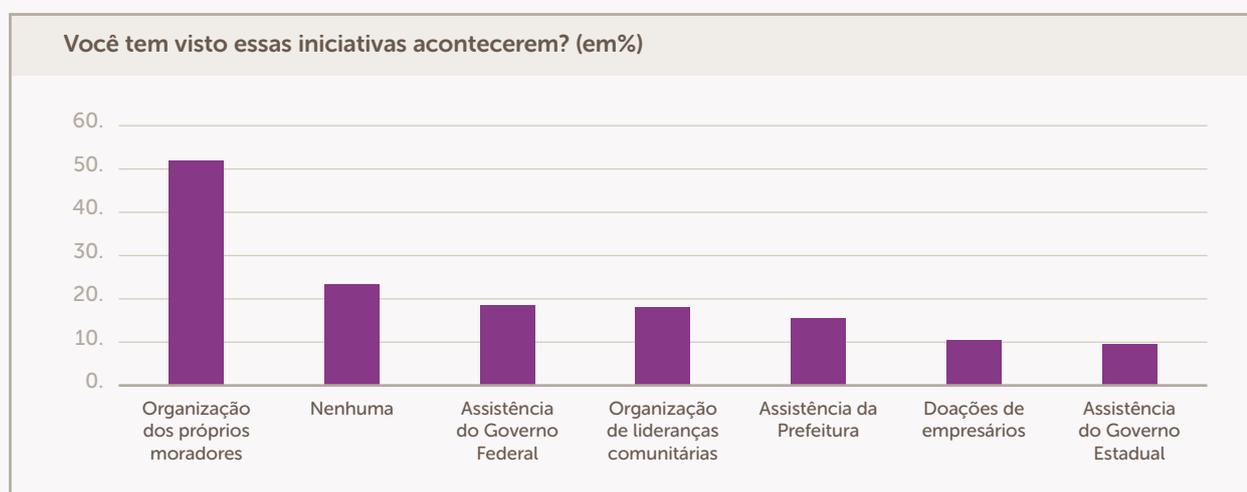
Gráfico 3: Cenário mais desejável no pós-pandemia



Fonte: Elaboração própria

A construção dos cenários também depende das percepções das pessoas sobre as respostas para a crise que estão sendo desenvolvidas no presente. Para isso, os cidadãos foram perguntados sobre quais tipos de iniciativa eles têm visto acontecer para diminuir os efeitos negativos da pandemia. De acordo com a população de Curitiba, há poucas iniciativas encabeçadas por instâncias organizadas, como governos, lideranças comunitárias e empresários. A iniciativa que os curitibanos mais reportam é aquela feita pelos próprios moradores da cidade, com 51,6% dos entrevistados tendo afirmado que viu alguma mobilização desse tipo. Este é um indício de possível aumento da solidariedade entre as pessoas, que foi comentado também nas entrevistas e grupos focais.

#### Gráfico 4: Tipos de iniciativas conhecidas pelos cidadãos



Fonte: Elaboração própria

## Resultados dos grupos focais e cenários obtidos



Entre os dias 2 e 4 de junho de 2020, o Instituto Sivis reuniu 20 atores-chave de Curitiba, entre jornalistas, políticos, líderes comunitários e empresários, para construir cenários para o pós-pandemia com base no diagnóstico e nas possibilidades de futuro identificadas por esses atores. As sessões tiveram 1h30 de duração e foram realizadas de forma remota, dividindo os participantes em três grupos organizados de acordo com a similaridade de atuação profissional existente entre os participantes. O perfil dos grupos foi o seguinte:

**Tabela 1 - Perfil dos grupos focais**

Tabela 1 - Perfil dos grupos focais		
	Idade	Perfil
Grupo 1	20-59 anos	Líderes comunitários
Grupo 2	31-47 anos	Formadores de opinião (jornalistas)
Grupo 3	31-46 anos	Empresários/gestores/servidores públicos

Fonte: Elaboração própria

Foi desenvolvido um roteiro de perguntas com quatro blocos: (a) apresentações; (b) vivência e percepção da crise; (c) avaliação de conceitos da pesquisa e; (d) perspectivas de futuro. Os principais resultados provenientes dos grupos serão apresentados a partir de agora.

### Vivência e percepção da crise

As discussões provocadas pela avaliação das mudanças na vida no contexto de pandemia revelam que houve uma dura adaptação inicial: em nível individual, o isolamento, a brusca alteração na rotina de trabalho e o desconhecimento do alcance e letalidade do vírus causaram sentimentos de medo e incerteza. Embora os participantes tenham manifestado medo relativo à contaminação pela COVID-19, o fator que trouxe maior insegurança aos atores foi o aumento do desemprego. Contudo, de modo geral, os participantes relataram que, com o passar do tempo, passaram a conseguir lidar melhor com os efeitos da crise sobre suas vidas, dando prosseguimento às suas atividades e “gerenciando” as restrições geradas pelo isolamento social.



Temos aquela sensação de insegurança muito grande, né. Perdemos a liberdade e a previsibilidade do que tinha para acontecer em relação ao pessoal e em relação ao nosso trabalho também. O que tínhamos planejado para fazer esse ano em relação às nossas ações, nós tivemos que mudar todo o planejamento, né. Estamos focando muito em relação ao Covid. Então não era nada planejado, o que íamos trabalhar esse ano era totalmente diferente, seriam palestras, cursos... mudou tudo, mas continuamos trabalhando, não paramos por causa disso."

(Participante do grupo 1)



Na esfera coletiva, a grande preocupação refere-se à população mais vulnerável, que está mais exposta às consequências negativas da crise. Para os participantes, os impactos serão sentidos tanto em termos do aumento das chances de contaminação quanto dos efeitos socioeconômicos prejudiciais que serão provocados pelo vírus.



Eu me sinto até dividida quando a gente fala para esse público específico, é muito difícil falar para o pessoal da periferia ficar em casa. Se ficar em casa, o filho vai comer o quê? O filho precisa estudar e não tem computador, as aulas serão à distância, não tem internet em casa... então é muito difícil, acho que a pandemia alterou a rotina, mães que não podem sair de casa porque os filhos estão lá, não têm com quem deixar, mas, ao mesmo tempo, é a população que mais se arrisca por falta de escolha, que mais sai de casa, que mais precisa se expor e que, automaticamente, vira o alvo principal da doença nesses tempos."

(Participante do grupo 2)



Outra preocupação coletiva refere-se ao contexto político. O grupo 3 destacou o medo causado pela falta de líderes políticos capazes e bem treinados, especialmente em esfera federal.



Queria complementar dois pontos, além do medo da pandemia em relação à doença e ao fato de poder pegar, [existe] o medo provocado pela instabilidade política que eu acho que está chocando muito também e acho que na mesma proporção que o medo provocado pela doença em si."

(Participante do grupo 3)



Ao mesmo tempo, diversos participantes do grupo 1 relataram um sentimento de superação, solidariedade e ajuda mútua entre a população mais vulnerável da cidade. Ou seja, haveria um impacto positivo de aumento da solidariedade na cidade.



Eu acho que a união das pessoas é o que está sendo muito importante e está dando resultado muito grande. A união entre as pessoas para procurar atender a população em várias situações, né. Eu acho que sem essa união estaria muito mais complicado, muito mais do que nós estamos agora, e a gente se preocupa tanto com o agora como com o depois, porque a gente já está conversando com as pessoas sobre o depois, como vai ser, o que vamos fazer e tal.”

(Participante do grupo 1)



## Percepção da crise

A avaliação sobre a crise e as saídas para ela são segmentadas, já que os participantes acreditam que alguns setores sofrerão mais. Em geral, há certo otimismo quando pensam sobre a retomada da vida. O consenso maior refere-se à existência de um “novo normal”. Ou seja, não haverá uma retomada da mesma vida e rotina ao contexto pré-pandemia. Além disso, os participantes avaliam que os exemplos de retomada em outros países sugerem que será possível ultrapassar essa crise.



Acho que vai começar a retomar o normal, passeio ao shopping, retomar a vida normal, o que era antes, mas a gente ainda tem muita insegurança do que é o novo normal. Eu, por exemplo, não fui passear no shopping, não me sinto segura, minhas filhas também não, então ainda temos essa insegurança. Eu acho que toda essa crise fez as pessoas se reinventarem, como o colega falou do amigo da lancheria. O brasileiro acho que tem muito disso, dessa garra, então não dá para gente dizer que vamos passar pela Covid sem ter aprendido nada, acho que muita coisa foi aprendida.”

(Participante do grupo 1)

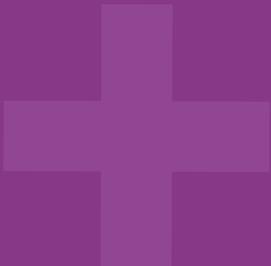


Ao mesmo tempo que há certo otimismo, os participantes também se preocupam com a acentuação das desigualdades trazidas pela pandemia. Eles identificam que a população mais pobre pode sair severamente prejudicada, com possibilidade de diminuição de salários e impactos na renda. Há a avaliação de que iniciativas governamentais são insuficientes para conter o forte problema social e econômico que atingirá a população vulnerável. De acordo com os participantes dos grupos, há iniciativas importantes do Poder Público, mas é necessário intensificar o cuidado.



Eu acho que a população vulnerável é um desafio muito grande. Acho que temos duas frentes. Primeiro, realmente como todos falaram, todo mundo querendo voltar ao trabalho, não só pela vontade de trabalhar, mas, obviamente, pelo sustento. Antes da pandemia, nós estávamos em torno de 12 milhões de desempregados, hoje, segundo algumas estimativas, podemos chegar a 20 milhões. Isso é um colapso muito grande para você sustentar sua família. Acho que o desafio é esse, você cuidar para que as pessoas consigam retomar o seu trabalho. Muitos empresários e a prefeitura também fizeram isso, garantiram pagamentos para que não houvesse uma corrente de demissões, para que você conseguisse preservar famílias empregadas.”

(Participante do grupo 3)



## Cenários

•

Abaixo, apresentam-se os textos completos produzidos para explicar cada cenário construído a partir das atividades desenvolvidas pelo projeto.

Pior cenário



## Farinha pouca, meu pirão primeiro

Falta de colaboração  
e de solidariedade  
levam ao caos

“Farinha pouca, meu pirão primeiro” traz a ideia de pensar só em si e colocar-se em primeiro em situações adversas. A polarização e o desrespeito por parte da população de seguir as orientações de saúde levarão a um aumento no número de casos. Por consequência, a crise irá se prolongar, agravando o desemprego e a vulnerabilidade.

•

Se a situação atual da população vulnerável de Curitiba já é bastante crítica, ela pode piorar — e muito — no pós-pandemia.

Nas favelas, ninguém teve o privilégio de fazer “home office”, e as casas pequenas e superpopulosas “expulsaram” as crianças para brincar nas ruas. No restante da população, quem podia se cuidar muitas vezes olhou apenas para o próprio umbigo e, em vez de ajudar, agravou a situação. Ainda que a crise atinja mais diretamente as populações vulneráveis, seus efeitos não respeitam fronteiras socioeconômicas. E, para aqueles que acham que isso é problema de “pobre” e que não tem nada a ver com isso, não sabe como funciona uma sociedade.

O efeito cascata é implacável e o que impacta a população vulnerável, impacta todo mundo sim. A crise econômica e a alta da criminalidade penalizarão a todos, sem exceção. A união e a solidariedade, que tinham grandes chances de “salvar o dia”, darão lugar para o “salve-se quem puder”.

A população vulnerável será o lado mais fraco dessa corda e todos os aspectos negativos desse cenário terão, infelizmente, impactos muito maiores nessa população. Tudo isso deixará os curitibanos ainda mais fragilizados, e a já enorme desigualdade social crescerá de maneira drástica. A solução para esse cenário é complexa e envolve inúmeros fatores. Para sair do caos, palavras como resiliência, solidariedade, ação, aprendizado e liderança se tornarão vitais. Farinha pouca? Era bem melhor ter dividido.

### **Leia o cenário completo abaixo:**

Esse cenário mostra o que de pior pode acontecer no pós-pandemia com a população vulnerável de Curitiba. Nas favelas, ninguém teve o privilégio de fazer “home office” e as casas pequenas e superpopulosas “expulsaram” as crianças para brincar nas ruas. Como pedir para essa população lavar as mãos várias vezes ao dia, se elas — muitas vezes — não tem nem sabonete em casa?

Além disso, outra parcela da população, infelizmente, mesmo podendo, não seguiu as regras para minimizar a pandemia, olharam só para o seu próprio umbigo, e a situação se tornou bastante crítica. Um caos econômico e político jamais visto antes foi instaurado e a pandemia se juntou a um pandemônio generalizado em todos os setores da sociedade.

A união e solidariedade, que tinham grandes chances de “salvar o dia”, darão lugar para o “salve-se quem puder”.

Aqueles que achavam que o que acontece com a população vulnerável não tem nada a ver com eles, não entendem como funciona uma sociedade e serão surpreendidos quando a realidade se impuser. O efeito cascata é implacável e se parte da população sofre, os efeitos econômicos e de criminalidade penalizam toda a sociedade, sem exceção.

Esse conjunto de fatores fará com que a orientação para isolamento social pareça não ter fim. Logo, a economia seguirá ladeira abaixo. Para aqueles que, desde o início, não queriam fechar o comércio e insistiam em ter os consumidores nas ruas a qualquer custo, o tiro sairá pela culatra.



A polarização política invadiu a ciência, e o descontrole e o “não saber para onde ir” vieram com tudo no momento mais crítico da pandemia. Ter parte da população em quarentena, enquanto muitos insistem em ir a shoppings, academias e bares, não será o suficiente. Se a situação continuar, veremos um pico de doentes ainda maior e o descontrole total de infecções pela Covid-19.

O Poder Público, sendo forçado a resolver o aqui e o agora, ficará sem conseguir se planejar para o futuro. O que de pior poderia acontecer em relação ao desemprego acontecerá. O número de desempregados crescerá exponencialmente; com isso, aumentará a criminalidade e haverá o desgaste total nas relações sociais, econômicas e políticas. A população vulnerável será o lado mais fraco dessa corda e todos os aspectos negativos desse cenário serão, infelizmente, potencializados para ela.

Tudo isso deixará os curitibanos ainda mais fragilizados, e a já enorme desigualdade social crescerá de maneira drástica.

A população ficará cada dia mais insegura, com medo, sem saber como agir e, pior, em quem confiar.

A solução para esse cenário é complexa e envolve inúmeros fatores. Para sair do caos, palavras como resiliência, solidariedade, ação, aprendizado e liderança se tornarão vitais. Farinha pouca? Era bem melhor ter dividido.

## **Aspectos**

### **Saúde e Economia**

Neste cenário, a falta de atitude do Poder Público e a resistência por parte da população em seguir as recomendações dos órgãos de saúde levará a um descontrole na curva de infecções, gerando prolongamento do isolamento social e da crise econômica.

### **Colaboração**

A união, a solidariedade e a cooperação que foram vistas de maneira tão forte no início da crise, serão esquecidas conforme a crise se agrava. A situação fará com que cooperação entre os diferentes setores se torne impraticável.

### **Desemprego e criminalidade**

O Poder Público não conseguirá se planejar para o futuro. O número de desempregados crescerá exponencialmente e, com isso, aumentará a criminalidade e haverá o desgaste total nas relações sociais, econômicas e políticas.



Cenário intermediário

# Japona

**Uma solução promissora, mas que logo volta para o armário**

Em Curitiba, japona é o nome dado a uma jaqueta quente que é utilizada nos dias mais frios do inverno. No cenário “japona”, os ganhos que teremos na cidade em relação à solidariedade e à cooperação serão pontuais e passageiros. Assim que a situação se estabilizar, a cidade voltará a uma espécie de normal e perderá tudo o que ganhou.

Como será a vida pós-Covid? Essa é uma pergunta que todos se fazem o tempo inteiro ultimamente. Alguns acreditam numa mudança profunda da sociedade, ao ponto de pensarem que nunca mais seremos os mesmos. Outros acham que é apenas “fogo de palha” e que a humanidade, no geral, não vai aprender nada. Infelizmente, é essa segunda opção que esse cenário nos traz.

A grave crise econômica atual durará por muito tempo. O não querer abrir mão de passeios rotineiros cobrará um preço caro na saúde e a conta virá para todas as camadas da população. Quem acha que o desemprego e a desigualdade afetarão somente quem já vive em regiões periféricas e em situação vulnerável terá uma surpresa desagradável ao ver tudo isso virar uma grande bola de neve e esmurrar sua porta.

Essa situação vai gerar uma sensação de paralisação nas pessoas, fazendo com que até mesmo os ganhos que tivemos em termos de solidariedade e cooperação, vistos nitidamente no início da pandemia, percam forças. Haverá pouco ânimo para transformar essas ações pontuais de solidariedade em algo mais profundo e de impacto duradouro.

Sendo assim, quando a pandemia finalmente passar, o “novo normal” trará consigo poucas mudanças: continuaremos sem pensar no futuro e sem soluções definitivas para o agora. E as lições boas aprendidas? Como a japonesa, voltarão para o armário e lá ficarão esquecidas, até o próximo inverno.

### Leia o cenário completo abaixo:

A pandemia chegou sem pedir licença, e não tardou para que os seus efeitos começassem a ser percebidos em todas as esferas: social, econômica e de saúde. De imediato, os efeitos foram sentidos com grande força, principalmente pela população mais vulnerável: por aqueles que já vivem em situações precárias nas periferias, pelos milhares de trabalhadores informais e por aqueles que não têm a opção de ficar em casa, mas tampouco têm com quem deixar os filhos.

Essa realidade passou a exigir que as pessoas encontrassem novas formas de trabalhar para evitar que a situação comprometa o desempenho, a produtividade e o salário no final do mês. Também exigiu que começássemos a ser mais solidários uns com os outros. Essa solidariedade manifestou-se não só no

governo, nas organizações e nas empresas, que precisaram pensar em iniciativas de amparo à população mais vulnerável; mas também nas comunidades, com vizinhos mais dispostos para ajudar o próximo.

Todos esses esforços, porém, serão quase que em vão quando nos depararmos com a realidade daqueles que não quiseram abrir mão dos seus passeios rotineiros, mesmo tendo essa opção. O baixo engajamento ao isolamento social cobrará um preço caro na saúde, e a conta virá para todas as camadas da população.

Com o agravamento da crise de saúde, a situação econômica também ficará pior. Quem acha que o desemprego e a desigualdade afetarão somente quem já vive em regiões periféricas e em situação vulnerável terá uma desagradável surpresa quando tudo isso virar uma grande bola de neve e esmurrar a sua porta.

Com a nova situação, o Poder Público e a sociedade não conseguirão planejar o futuro no período pós-pandemia e não darão conta de conter os prejuízos econômicos em sua totalidade.

Sendo assim, teremos um cenário com mais desemprego e mais pessoas em situação de vulnerabilidade. Haverá pouco preparo do governo local para lidar com isso, reforçando um sentimento de incerteza e de “paralisação”.



Sem conseguir ver melhoras significativas na situação, a população terá pouco ânimo para transformar as ações pontuais de solidariedade do dia a dia em algo mais profundo e de impacto significativo a longo prazo.

Consequentemente, quando a pandemia finalmente passar, o “novo normal” trará consigo poucas mudanças: continuaremos sem pensar no futuro e sem ter soluções definitivas para o agora. A vida seguirá sendo levada aos “trancos e barrancos” com, quem sabe, um pouco mais de gentileza. Porém, os aprendizados mais profundos – como o aumento da solidariedade e da cooperação social – voltarão para o armário e ficarão esquecidos até o próximo inverno.

## Aspectos

### **Economia**

Neste cenário, a sociedade civil e o Poder Público não conseguirão conter a totalidade dos prejuízos econômicos. Sendo assim, haverá mais desemprego, mais pessoas em situação de vulnerabilidade e pouco preparo do governo local para lidar com essa situação.

### **Solidariedade**

A sociedade civil conseguirá se mobilizar para construir um futuro melhor, aumentando a solidariedade na cidade. No entanto, com o baixo desempenho econômico, a população terá pouco ânimo para transformar as ações pontuais de solidariedade do dia a dia em algo mais profundo e de impacto significativo a longo prazo.

### **Transformação cultural**

Após a situação ser controlada, não haverá uma transformação cultural profunda, e hábitos adquiridos, como aumento da solidariedade e da cooperação, serão rapidamente esquecidos.

Melhor cenário



# Gralha-azul

Da miséria à prosperidade!

A gralha-azul, ave símbolo do Paraná, é peça-chave na preservação das Araucárias. Ela pega os pinhões que caem das árvores e enterra próximo a troncos ou raízes de árvores em estado de putrefação. Muitas vezes, elas esquecem o local no qual enterraram os pinhões, e eles acabam germinando. Assim, novas árvores crescem, e a vida se renova. Esse processo é similar ao que acontecerá neste cenário. A população passará por um momento de grande dificuldade; porém, por meio da solidariedade e do engajamento de todos, conseguirá se reerguer de forma estruturada e rápida, evitando grandes prejuízos para todas as camadas, sobretudo, para as mais vulneráveis.

Engana-se quem pensa que o impacto negativo da economia só afetará aos mais vulneráveis, ou seja, àqueles que hoje já dependem de programas públicos, de alguma ajuda externa para sobreviver, ou, até mesmo, os considerados “invisíveis”. Até porque, quando a base é atingida, toda a estrutura desmorona.

Neste cenário, donos de pequenos negócios lutarão com ainda mais força para tentar sobreviver. Grandes empresas, que já estão sentindo fortemente o baque, serão forçadas a fazer demissões em massa para se manterem em pé. Ficará bem nítido que, embora não no mesmo barco, estamos todos na mesma tempestade. Mas, se entramos nessa crise juntos, é juntos que teremos de sair. Por sorte, além da instabilidade e da incerteza, uma nova participante também surgiu e se mostrará firme e forte para ficar: a solidariedade. Onde se viu a união e solidariedade de maneira mais forte foi exatamente onde há menos

a ser compartilhado: as favelas deram uma aula de colaboração. Além disso, nos lugares em que a ajuda do governo não chegou, chegou a do vizinho.

Com esse sentimento de união urgente nas pessoas, a sociedade civil e o Poder Público conseguirão trabalhar juntos e de forma coordenada para tomar ações rápidas durante a pandemia e garantir o planejamento do futuro. Esse planejamento permitirá que, independentemente dos danos, a gente consiga reerguer a economia com relativa rapidez, e, uma vez que a pandemia passar, a sociedade poderá retomar sua vida normal sem grandes sustos. Haverá momentos muito difíceis, mas, tendo a solidariedade e a cooperação como norte, Curitiba sairá da crise como uma cidade fortalecida e pronta para gerar e colher novos frutos.

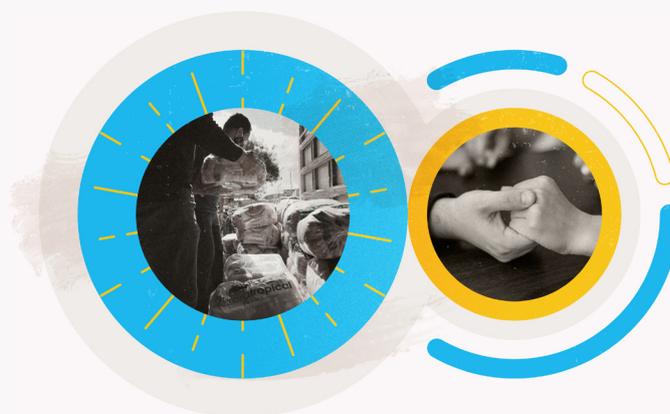
### Leia o cenário completo abaixo:

Conforme os casos de Covid-19 em Curitiba aumentam, as incertezas e reflexões seguem na mesma direção.

Engana-se quem pensa que o impacto negativo da economia só afetará os mais vulneráveis, ou seja, àqueles que hoje já dependem de programas públicos, de ajuda externa para sobreviver, ou, até mesmo, os considerados “invisíveis”. Até porque, quando a base é atingida, toda a estrutura desmorona. Donos de pequenos negócios lutarão com ainda mais força para sobreviver. Grandes empresas, que já estão sendo impactadas pela crise, se verão forçadas a fazer demissões em massa para tentar se manter em pé. Por sorte, a instabilidade e a incerteza não são as únicas personagens a surgir com força durante a pandemia. Junto com elas, uma nova participante também surgiu. Na verdade, ela sempre esteve presente, mas antes era tímida e estava sempre sentada no canto da sala. Agora, ela começa a sentar na primeira fileira e a erguer a mão: é a solidariedade.

A união e a solidariedade manifestaram-se de maneira mais forte exatamente onde havia menos a ser compartilhado: as favelas deram uma aula de colaboração. E onde não chegou a ajuda do governo, chegou a do vizinho. Além disso, não demorou para que várias organizações, associações e empresas começassem a se mobilizar para arrecadar alimentos, materiais de higiene e diversas outras doações para distribuir pela cidade.

Neste cenário, o aumento do desemprego e a consequente vulnerabilidade da população criará um senso de urgência ainda mais forte nas pessoas. Aos poucos, o que já se percebia no início da pandemia se tornará uma certeza absoluta: a melhor forma de cuidar de si mesmo é cuidar de todos.





Percebendo isso, a sociedade civil e o Poder Público passarão a trabalhar com ainda mais afinco e sintonia para desenvolver iniciativas que visem a um futuro melhor.

Por mais complicadas que fiquem as questões econômicas e de saúde, conseguiremos ter um ambiente de união, colaboração e solidariedade na cidade capaz de amenizar as dificuldades. A recuperação econômica acontecerá mais rapidamente e a população retomará seu nível de bem-estar.

A pandemia de Covid-19 não será apenas lembrada pela impossibilidade de estarmos próximos das pessoas que gostamos, ou pelas consequências devastadoras que teve na economia e na sociedade, mas sim por essa valiosa lição: juntos é mais fácil vencer. Tal como a gralha-azul, a solidariedade terá um papel fundamental para que Curitiba saia da crise como uma cidade fortalecida, pronta para gerar e colher novos frutos.

## Aspectos

### **Desemprego e vulnerabilidade**

Neste cenário, o desemprego e a vulnerabilidade aumentam durante a pandemia, mas terão os impactos diminuídos pela ação rápida e colaborativa de iniciativas da sociedade civil e do governo local.

### **Solidariedade**

A solidariedade entre as pessoas irá aumentar, gerando um ambiente de união, colaboração e solidariedade entre os curitibanos para atravessar a crise.

### **Planejamento**

Com a cooperação e a colaboração aumentando entre os diversos setores, os administradores públicos conseguirão repensar o futuro da cidade e se preparar para o retorno à normalidade, uma vez que a vacina ou tratamento for encontrada.

### **Bem-estar**

A retomada econômica acontecerá de forma rápida e a população não demorará para retomar seu nível de bem-estar.

## Próximos passos

•  
**Após a produção e a divulgação dos cenários, nossa preocupação se concentra em como alcançar o cenário mais positivo no pós-pandemia.**

Para isso, as lideranças do Cidade da Gente, compostas por empreendedores sociais, empresários, líderes comunitários, professores e integrantes do Poder Público, irão discutir os cenários e desenhar planos de ação para construir o melhor futuro e evitar o pior horizonte. Além disso, os cenários também serão aprofundados por meio de parceria com o projeto “Desinformação, descrença na ciência e atuação institucional na divulgação científica: possibilidades de ação da universidade no contexto pós-pandemia” da Universidade Federal do Paraná. A iniciativa, coordenada pela Prof. Dra. Michele Massuchin, vinculada ao Departamento de Comunicação, levará o debate sobre os cenários para a comunidade universitária, com objetivo de usar a *expertise* de especialistas em diferentes áreas para produzir soluções que permitam concretizar a melhor alternativa.

Outro desdobramento fundamental desta ação é a discussão pública dos cenários. Por meio de estratégia de inserção de comunicação, tanto por meio da mídia tradicional como pelas mídias sociais, os cenários se tornarão orientações a partir das quais a sociedade de Curitiba debaterá o futuro da cidade e da sociedade no período pós-pandemia. A ideia é expandir a capacidade de articulação e assistência prolongada para os vulneráveis e para as urgências, bem como dar início a um amplo movimento de planejamento para o futuro pós-pandemia.

## Referências



CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARMO, M. E. DO; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saude Publica**, v. 34, n. 3, 2018.

COSTA, M. A. et al. **Vulnerabilidade social no Brasil: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras**. Brasília, 2018.

IBGE. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>>.

IPPUC. **Nosso bairro - Curitiba**. Curitiba: IPPUC, 2015.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos e Contextos**, v. 11, n. 2, p. 301–308, 2012.

SILVA, D. R. DE M.; MONT'ALVERNE, C. Identifying impacts of Covid-19 pandemic on vulnerable populations: a mixed-methods approach. **Survey Research Methods**, v. 14, n. 2, p. 141–145, 2020.

SLOCUM, N. **Participatory Methods Toolkit: A practitioner's manual**. Brussels: Belgian Advertising, 2003.





[www.cidadedagente.org.br](http://www.cidadedagente.org.br)



**cidade**  
**da** quem colabora,  
transforma.  
**gente**

[www.sivis.org.br](http://www.sivis.org.br)  
(41) 3206-8582

